

A CASA TOMBADA

FACONNECT – FACULDADE CONECTADA

Pós - graduação lato sensu - O livro para a infância:
Processos contemporâneos de criação, circulação e mediação.

O LIVRO ILUSTRADO E A PRODUÇÃO DOS ALUNOS NAS AULAS DE ARTE

Sara Cristina Rangel de Oliveira

Trabalho de conclusão de curso apresentado à A Casa Tombada, como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de especialista em Pós - graduação lato sensu – O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação, sob orientação da Prof. Ms. Cristiane Rogerio.

São Paulo
2025

O LIVRO ILUSTRADO E A PRODUÇÃO DOS ALUNOS NAS AULAS DE ARTE

Sara Cristina Rangel de Oliveira

Resumo

Neste trabalho estão apresentadas algumas práticas de mediação de imagem com livros ilustrados realizadas em sala de aula por mim enquanto professora de arte de escola pública. Essa pesquisa tem como objetivo apresentar o meu percurso como professora do ensino fundamental e destacar principalmente as produções dos alunos nas aulas de arte a partir da mediação de livros ilustrados, para tanto revisei a minha prática e analisei como o curso de pós-graduação foi importante nesse processo de crescimento como educadora e mediadora.

Parti das seguintes perguntas: o livro ilustrado pode ser utilizado como objeto de apreciação artística nas aulas de arte? As crianças são influenciadas pelas imagens que lhes são mediadas através dos livros? É possível que elas produzam materiais estéticos e poéticos após as mediações feitas durante os momentos de aula? Para dialogar com o que via das práticas, utilizei, entre outros, o conceito de arte/educação e da teoria de leitura de imagem de Ana Mae Barbosa (2010), e do que é o livro ilustrado de Sophie Van der Linden (2011).

PALAVRAS-CHAVE: Mediação, escola pública, arte educação, livro ilustrado, leitura.

Sumário

Resumo	2
O percurso do livro na minha infância.	4
O percurso do livro na minha formação acadêmica.	7
O percurso do livro na minha docência.	13
Livro: “50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer” autora Débora de Thomé.	14
Livro: “Com que roupa irei para a festa do rei?”, autor Tino Freitas e ilustrador Ionit Zilberman.	16
Livro: “Bom dia todas as cores” autora Ruth Rocha.	21
Poema: “As borboletas” autor Vinicius de Moraes.	25
Livro: “Os três porquinhos” autora e ilustradora Bia Villela.	28
Livro: “Minha vó ia ao cinema” escritora Paula Marconi de Lima e ilustradora Lumina Pirilampus.	30
O caderno de artes x o caderno de artista:	33
O livro presente.	35
O meu papel como educadora, mediadora de imagens.	37
Professora passarinha: Um voo de retomada ao ninho.	41
Conclusão.	45
Referências.	47

O percurso do livro na minha infância.

Desde a minha infância, eu sempre estive fascinada por livros e ilustrações. Todas as vezes que recordo momentos vividos, lembro de estar rodeada de livros em minhas brincadeiras, passava horas desenhando, pintando e lendo, me transportando para universos únicos através daquilo que eu mais admirava: os desenhos. Até hoje, recordo a textura dos livros de banho, da estante que acomodava alguns exemplares e da caixinha de música que abrigava uma pequena coleção. Estava sempre recriando as histórias vivenciadas com os meus próprios desenhos, confeccionando novos personagens.

Ingressei no 1º ano do ensino fundamental já sabendo ler e escrever, influência de uma mãe professora alfabetizadora, mas também dos gibis e almanacão da Turma da Mônica, que eu esperava ansiosa chegar do correio mensalmente, para poder colorir, ler e reler.

Nos anos 2000, era costume da cidade onde eu residia, Suzano (São Paulo), promover uma comemoração intitulada “Festa do Livro”. Em virtude desta, durante algumas semanas estudamos uma publicação do autor Nelson Albissú com o título de “Charalina” da editora Paulinas. Lembro de receber o livro e ficar encantada, pois o seu formato não era o tradicional que eu já encontrava na minha estante. Ele era na minha cabeça de criança um livro “deitado”, pois o seu formato é 23 cm de comprimento por e 15,5 cm de altura, suas páginas eram compridas. Outra coisa que me chamou muito a atenção foram as ilustrações, que foram feitas com aquarela, técnica que eu já conhecia.

Nelson Albissú fora a até a escola em que eu estudava conversar e autografar os livros, perguntou o que queríamos ser quando crescer e eu disse: “desenhadora” então ele escreveu assim no meu exemplar de Charalina: *“SARA CRISTINA DESENHE SEMPRE COM TRAÇOS DE FELICIDADE, MENINA BONITA!”*

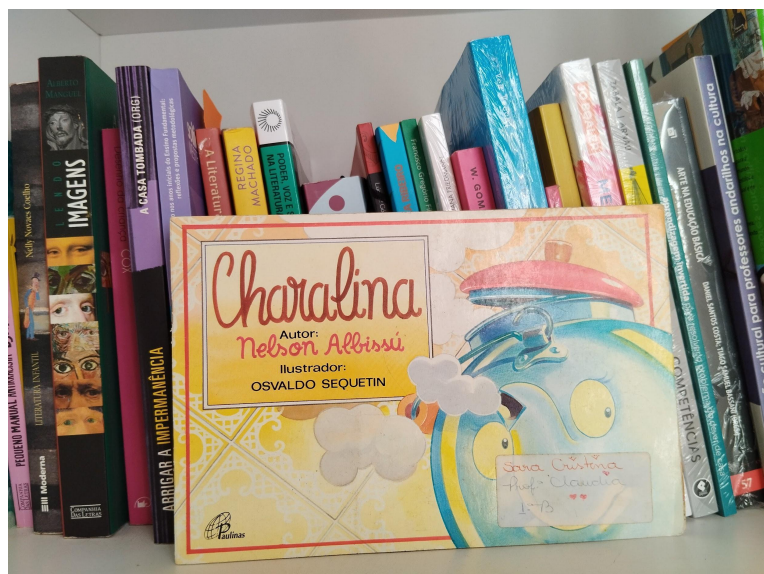


Imagem 1: Capa do Livro “Charalina”. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal.

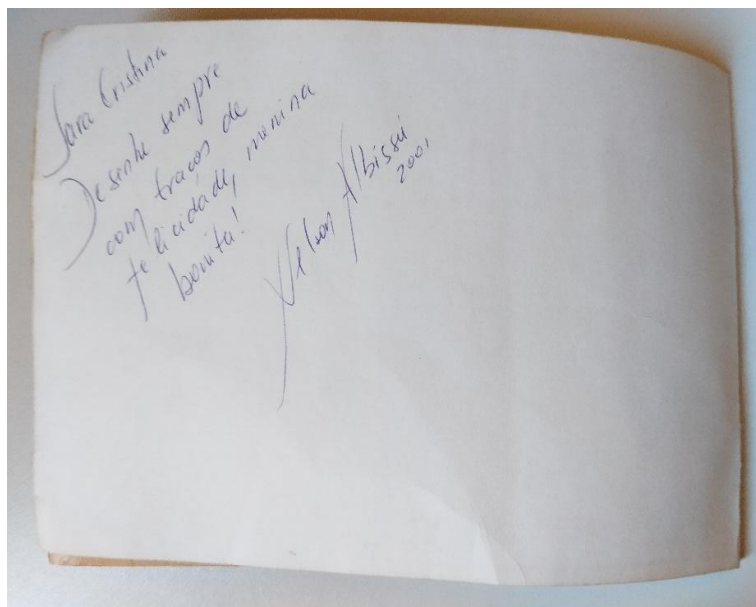


Imagem 2: Dedicatória do autor Nelson Albissú. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal.

Conhecer um autor de “verdade” foi como se o livro tivesse se materializado na minha frente, como se os sonhos ali fossem possíveis, para mim e para os meus colegas de sala foi como se uma celebridade estivesse no meio de nós, pois antes dele entrar na sala a professora Cláudia perguntou “Vocês acham que ele (o autor) está vivo ou morto?” e o 1º ano B respondeu em alto e bom tom “Mooooorto”.

Até hoje quando pergunto para os meus alunos quando estamos estudando sobre algum artista específico eles acham que este está morto, pois arte e literatura é como se fossem algo distante da nossa realidade, intocáveis, por isso acredito que

devemos sempre trazer para a realidade da escola pessoas inseridas no contexto e realidade dos educandos, para que essa conexão seja cada vez mais real.

A Sara de 7 anos de idade não deu a devida importância ao trabalho do ilustrador, Osvaldo Sequetin, o reconhecimento ficou todo na autoria do texto de palavras. Hoje compreendo que os desenhos ali exerceram um papel fundamental na expressividade e construção da personagem Charalina descrita pelo autor.

Não sei qual foi a real intenção do grupo de professores e direção ao escolher Nelson Albissú para a festa do livro, mas a Sara criança quando descobriu que ele era da cidade vizinha em que ela morava (Mogi das Cruzes), e que ele existia de “verdade verdadeira”, era como se ser artista fosse possível, mal sabia que ela se tornaria uma professora de arte apaixonada por literatura e hoje pesquisadora do livro para a infância.

O percurso do livro na minha formação acadêmica.

Durante minha graduação em Artes Visuais na Universidade Cruzeiro do Sul (2012-2015), em uma das aulas da disciplina “Mediação Arte-Público”, percebi que existem diversas formas de mediação que podem acontecer dentro de um espaço expositivo, como por exemplo nos museus, mas que também devem acontecer dentro do contexto da escola.

E como educadora, devo oportunizar as vivências dos meus alunos com diferentes formas de expressões artísticas, além das tradicionais pinturas, esculturas, durante os momentos de mediação vejo que essas imagens enriquecem significativamente o repertório cultural das crianças estimulando sua criatividade e produção e quando são apresentadas a partir de um livro elas se aproximam ainda mais dos pequenos.

Na graduação participei do projeto do PIBID - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência orientado pela Prof.a Mestra em Artes Visuais, Solange dos Santos Utuari Ferrari, intitulado “ESCREVENDO IMAGENS” onde pude colocar em prática muito daquilo que havia aprendido na disciplina de mediação.

Na escola contávamos histórias, fazíamos brincadeiras cantadas e mediávamos alguns livros para que os alunos pudessem produzir atividades plásticas.



Imagens 3 e 4: Mediação livros no projeto escrevendo imagens. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal.

E um dos primeiros livros escolhidos para mediar foi o “Chapeuzinho Amarelo” autoria de Chico Buarque, na versão ilustrada por Ziraldo, que na época compunha o kit de livros do Programa “Leia Com Uma Criança” (instituto Itaú Social)¹, considerando que era distribuído gratuitamente, facilitando o acesso.



Imagem 5: Capa do livro Chapeuzinho Amarelo na estante de livros. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal

Nesse momento usei uma capa vermelha para fazer referência ao clássico Chapeuzinho Vermelho de Charles Perrault. Após a leitura, deixei os alunos manipularem o livro para que pudessem ver mais de perto as ilustrações, então, tiveram novas percepções sobre a narrativa. A partir daí conversamos sobre os medos enfrentados no contexto escolar, criamos então nossa própria versão “se eu fosse chapeuzinho qual cor eu seria? E qual o meu medo mais medonho? Como podemos transformar e superar nossos medos?”.

¹ O programa Leia com uma Criança promovido pelo instituto Itaú Social incentiva, desde 2010, a leitura do adulto para e com a criança como uma oportunidade de fortalecimento dos vínculos e da participação ativa na educação desde a primeira infância.



Imagem 6: Mediação do livro Chapeuzinho Amarelo em sala de aula projeto escrevendo imagens.

Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal

No decorrer do projeto usamos os livros como objeto de arte para as mediações sempre relacionando com a literatura, eles eram nosso principal material utilizado visto que não havia muitos recursos disponíveis, e passávamos boa parte dentro da biblioteca escolar, onde escolhemos os exemplares.

Neste projeto tentamos diversificar o máximo de materiais, para isso foi utilizado riscadores como por exemplo: aquarela, giz de cera, barbante, bolinhas de sabão com corante, lápis de cor, caneta hidrocor, e também tamanhos diversos de suportes além do tradicional formato folha de sulfite A4.

Então percebi a importância de se valorizar as produções dos alunos, visto que cada um deles tem um modo de ser, estar e se expressar a partir de um texto, de uma imagem, de uma história, e da sua própria poética.

Assim como Ana Mae afirma: "A arte-educação não tem por finalidade produzir artistas. Seu objetivo é oferecer oportunidades para que cada ser humano possa descobrir e desenvolver sua capacidade de criar" (BARBOSA, 1998), os pequenos podiam criar, sem medo, sem moldes, vivenciar os riscadores, as histórias e as imagens.



Imagens 7 8 9 e 10: Ilustrações com aquarela e barbante produzida por alunos no projeto escrevendo imagens. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal

No final da minha graduação (2015), escolhi como tema para o meu trabalho de conclusão de curso discutir a influência das ilustrações na criação poética infantil. Para essa pesquisa, fiz um estágio em uma escola pública de ensino fundamental I, ali pude observar o cotidiano da sala de aula e da unidade escolar.

O que mais me incomodava era os momentos de leitura, onde a professora sentava com crianças, abria um exemplar escolhido por ela, lia a história, mostrava as ilustrações, os pequenos não faziam intervenções, só podiam ficar em silêncio, ao final as vezes, conversavam sobre a leitura, depois cada um ia para seu espaço da carteira, desenhar no caderno os personagens principais ou um trecho que mais lhe

havia chamado atenção, ou a professora trazia já impresso alguns modelos para colorir.

Escolhi então mediar o livro “Chapeuzinho Amarelo”, que eu já conhecia. A escolha desse livro se deu primeiro por apego emocional, pois era uma leitura na qual eu já tinha familiaridade, e sabia que muitas das crianças também o possuíam em casa, ou já o haviam acessado na escola, e junto com as crianças, produzimos ilustrações feitas com materiais distintos: brinquedos, massinha de modelar, tinta e durante o processo algumas fotografias, digo junto pois eu também participei do processo de construção, enquanto íamos desenhando, colorindo e experimentando conversávamos sobre a história.



Imagem 11: Mediação do livro Chapeuzinho Amarelo para os alunos durante o período de estágio. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal.

Essa pesquisa foi um importante marco na minha trajetória acadêmica, percebi que queria me aprofundar sobre este tema, vi ali um recorte muito pequeno daquilo que eu iria estudar futuramente.

Realizando as oficinas observei que o resultado das criações foi tão diverso, indo além do que pude prever que crianças iam produzir. Ao levar materiais que não eram o tradicional giz de cera e lápis, percebi que elas usaram dessa liberdade para inventar, desde uma chapeuzinho azul, outra mascarada, bolos de diversos sabores, novos personagens, porém a referência que eles tinham da história por conta das

ilustrações influenciou essa produção, a protagonista sempre encontrava com algo que era seu maior medo.



Imagens 12 13 14 e 15: Experimentações em massinha de modelar e tinta guache para produção de ilustrações após a mediação do livro Chapeuzinho Amarelo. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal

O percurso do livro na minha docência

Como professora de arte da rede pública municipal de Suzano, cidade que fica localizada no Alto Tietê no estado de São Paulo, tive o desafio de trabalhar com poucos recursos e muita criatividade. Desde 2017, quando fui aprovada no concurso público, busco formas de estimular os estudantes da educação infantil e do ensino fundamental I a expressarem suas ideias e sentimentos através da arte. Uma das estratégias que utilizo é a leitura de imagens de livros ilustrados que a escola possui, ou do meu pequeno acervo.

Tento escolher leituras variadas, que abordam temas diversos e que despertam o interesse dos alunos. A partir das ilustrações, criamos diferentes atividades artísticas, explorando cores, formas, texturas, materiais e técnicas. Assim, eles se tornam fontes de inspiração e aprendizagem para os meus alunos e para mim, encontrei neles um elo entre nós.

Os livros foram se tornando cada vez mais presentes e relevantes nas aulas, sempre proporcionando diálogos e reflexões, a partir de agora irei mencionar alguns exemplares que foram utilizados em sala de aula, as mediações e propostas realizadas a partir dessas.

Livro: “50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer” autora Débora de Thomé.



Imagens 16: Capa do livro 50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer, na estante de livros. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal

Essa publicação da editora Galera, conta a história de mulheres que fizeram a diferença no Brasil, com uma linguagem simples e com biografia resumida em uma página. As ilustrações presentes são feitas por artistas brasileiras. Quando trouxe e apresentei aos meus alunos foi para conversar sobre o “dia da mulher”, e percebi que as crianças não conheciam as personalidades ali representadas. Com o passar das aulas em que as histórias eram contadas, eles ansiavam esses momentos de leitura para poder “descobrir” uma “nova” brasileira que por eles antes era desconhecida.

Nesta mesma turma, já num outro contexto no bimestre, estávamos finalizando o conteúdo de fotografia, as crianças sugeriram que pudéssemos usar de exemplo as mulheres que havíamos estudado no mês da mulher como tema para as produções fotográficas, e então escolhemos através de votação algumas das personalidades para retratar.

Organizamos a sala de forma que todos conseguissem participar: os meninos ficaram responsáveis em produzir o cenário, os objetos, as roupas e também foram os fotógrafos, as meninas posaram representando as personalidades que elas

havam escolhido, neste momento a ideia era que elas fossem o destaque das produções.



Imagens 17 18 19 20 e 21: Mediação do livro “50 Brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer” e alunas posando para a fotografia inspirada em Carmen Miranda, Marta, Clarice Lispector e Elis Regina. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal

Livro: “Com que roupa irei para a festa do rei?”, autor Tino Freitas e ilustrador Ionit Zilberman.

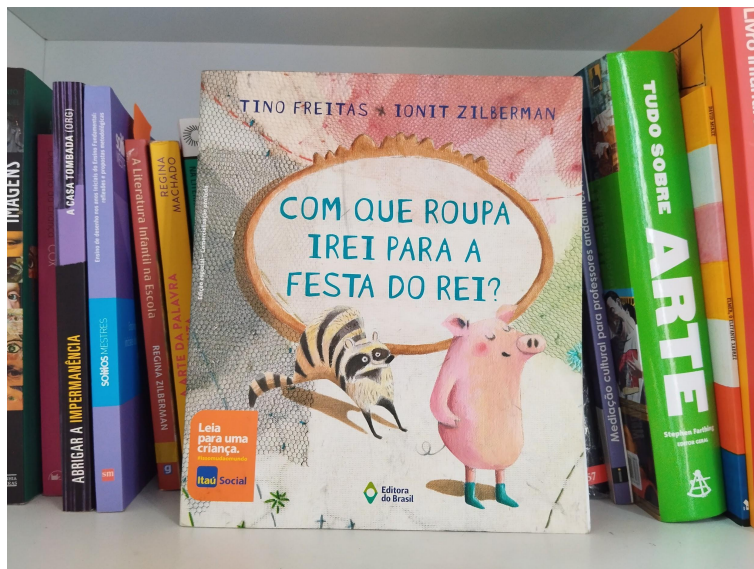


Imagem 22: Capa do livro Com que roupa irei para a festa do rei? na estante de livros.

Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal

O livro conta a história de um rei que iria dar uma festa na floresta e isso movimentava todos os animais em busca de uma roupa para prestigiar o evento, afinal o súdito que estivesse vestido como ele ganharia um prêmio. Este livro publicado pela Editora do Brasil foi enviado à escola para a distribuição através do programa “Leia Com Uma Criança” (instituto Itaú Social)².

Quando os pequenos receberam os exemplares para levar para casa logo vieram me mostrar, pois sabem quanto gosto de livro e pediram para que eu lesse, com essa turma, eu tinha o hábito de ao finalizar a aula ou no início, ler algo sugerido por eles ou que eu tinha separado antes. Então combinei que na semana seguinte faria por motivos de organização, e para minha surpresa algumas crianças falaram que não haviam lido a história em casa, porque queriam ler junto comigo.

Os alunos se mostraram eufóricos e a cada novo personagem que aparecia comentavam sobre a roupa escolhida. O suspense para saber com que roupa o rei estaria foi mágico, assim como descobrir que ele era um rato, e que estava “nu”.

² O programa Leia com uma Criança promovido pelo instituto Itaú Social incentiva, desde 2010, a leitura do adulto para e com a criança como uma oportunidade de fortalecimento dos vínculos e da participação ativa na educação desde a primeira infância.

Após a mediação de leitura, na roda de conversa uma das crianças falou que gostaria de ir para a festa do rei vestida de jogador de futebol, usando o uniforme do time em que torcia, então outra já comentou que como era uma festa de rei ela usaria um vestido de princesa, depois ouvir a todos sugeri então que fizéssemos uma festa do rei.



Imagem 23: Mediação em roda do livro com que roupa irei para a festa do rei. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal

A partir dali construímos um espaço lúdico onde foram criadas todas as situações possíveis para que essa festa acontecesse, Ana Mae Barbosa nos diz que “Daí a ênfase na leitura: leitura de palavras, gestos, ações, imagens, necessidades, desejos, expectativas, enfim, leitura de nós mesmos e do mundo em que vivemos.” (Barbosa 1998 p.35); por isso durante todo o processo foi fundamental a escuta ativa e eu como professora fui mediando e criando os ambientes para que elas pudessem produzir a partir das ideias que iam surgindo.



Imagem 24: Crianças pintando com giz de cera, coroas de papel para a festa do rei.

Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal

Com materiais não estruturados como CD e cones de linhas de costura, eles montaram o castelo onde aconteceria a festa, algumas crianças preferiram construir com pequenos blocos de montar o cenário, com massinha de modelar fizeram as comidas, também confeccionamos as coroas usadas por eles, já que o baile seria na “casa” do rei eles queriam estar à altura desse evento, também produziram convites para a festa que foram enviadas às famílias.



Imagem 25: Crianças produzindo convite para a festa do rei. Fotografia de Sara Rangel.

Arquivo pessoal



Imagem 26: Crianças brincando com materiais não estruturados, cds e cones de linha, construindo um castelo. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal

O combinado com as famílias era que as crianças pudessem escolher a roupa para ir à festa do rei, fizemos um dia divertido com brincadeiras, pipoca, este foi o momento em que se sentiram representados, ouvidos puderam experienciar a história do livro pessoalmente, criamos todo o repertório de imagens a partir das falas deles e as produções se organizaram numa sequência de seis aulas.



Imagem 27: Crianças dançando na “festa do rei”. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal

Durante a proposta me perguntava: “será que os alunos, principalmente aqueles que ainda não são alfabetizados conseguem fazer uma leitura “total” da história?”

No decorrer percebi que não são somente as palavras que fazem um texto ser entendido, no livro existe as imagens como referência, as cores, as formas, a própria materialidade do livro seu tamanho formato textura das folhas, tudo isso influencia na compreensão da história, e na infância o mais surpreendente sempre são as interpretações, a leitura que as crianças fazem a partir das conexões com os livros e o mundo em que vivem, vejo o quanto elas gostaram dessa proposta pois foi materializar no espaço real uma história escolhida por eles.

O educador Paulo Freire nos ensina que a leitura é um processo que “não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência de mundo” (FREIRE. 2006, p. 11).

Como professora de arte da rede pública municipal de São José dos Campos (São Paulo), desde 2023 meu desafio foi trabalhar com crianças do ensino fundamental I e II, numa escola e cidade totalmente novas onde eu não conhecia muito a realidade daquele local, mais uma vez, trouxe para as aulas os livros, visitei a sala de leitura que a escola dispunha e selecionei algumas obras, também pedi sugestão para as crianças.

Livro: “Bom dia todas as cores” da autora Ruth Rocha



Imagem 28: Capa do livro Bom dia todas as cores na estante de livros. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal

Quando lecionei o conteúdo de cores primárias e secundárias fiz essa a mediação. Fomos até o gramado da escola fazer a leitura, essa já era uma história bastante conhecida pelas crianças e por mim, mas dessa vez pedi que prestassem atenção nas cores que estavam aparecendo no decorrer da transformação do camaleão e também no contexto das páginas. A versão disponível na escola era a de 2013 da editora Salamandra e ilustrações de Madalena Elek.

No meio da história apareceu uma ilustração com o personagem principal em uma perspectiva diferente, vista de cima, logo um dos alunos sugeriu que deitassem no chão, e andássemos como um camaleão, e é claro que assim o fizemos.



Imagem 29: Foto do livro Bom dia todas as cores, na grama aberto na ilustração do camaleão. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal



Imagens 30 e 31: Crianças interpretando um camaleão entre as árvores do espaço externo da escola. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal



Imagens 32 e 33: Crianças “camufladas” como um camaleão no espaço externo da escola. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal

Ao final da história pudemos conversar sobre as cores que observamos e como a ilustradora usou dos contrastes das imagens, destacando o personagem principal, mas além disso interpretamos camaleões pela escola e brincamos de se esconder e se camuflar pelo ambiente, o registro no caderno de artista ficou a critério deles, colocarmos as misturas de cores como se fossem transformações do personagem principal, usando tinta guache.



Imagem 34: Crianças misturando tinta guache no caderno de artista. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal

Também apresentei a eles a versão de 1998 da editora Quinteto Editorial com ilustrações de Alberto Linares. A ideia desta estratégia é demonstrar que a mesma história tem interpretações com diferentes ilustradores, gosto sempre de trazer essa solução de que cada um pode se expressar da sua maneira, afinal somos sujeitos com personalidades e gostos distintos, assim como quando observo que as produções estão muito similares, ou quando a sala procura sempre a referência do ilustrador para produzir sua versão, que foi o caso dessa turma.

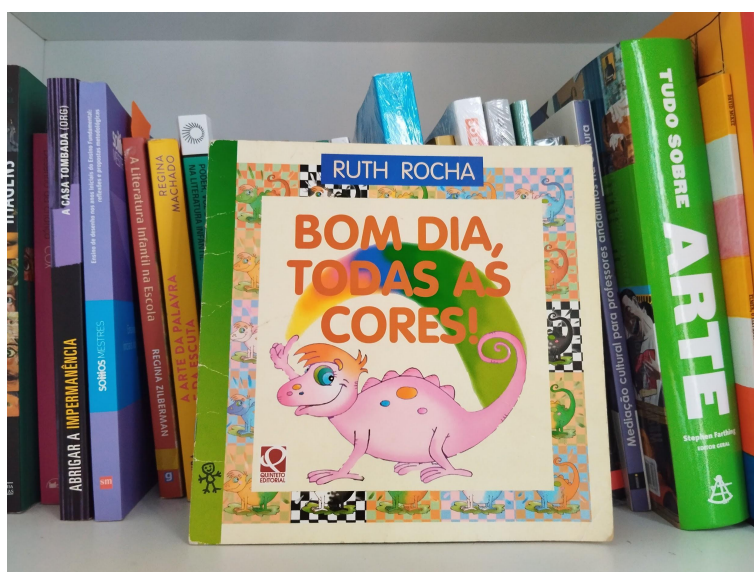


Imagem 35: Capa do livro Bom dia todas as cores na estante de livros. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal

Poema: “As borboletas” - Vinicius de Moraes

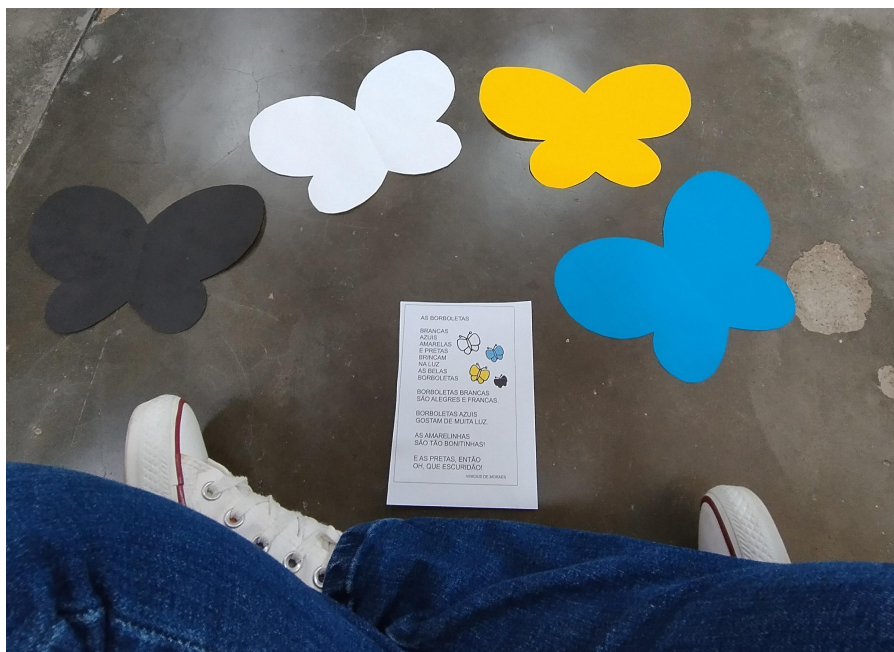


Imagem 36: Fotografia dos pés de Sara Rangel com o poema e os recortes de borboletas para a mediação. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal

Ainda no conteúdo de linguagem visual, falando um pouco sobre as cores e texturas, comecei com a leitura do poema. Trouxe para ilustrar a leitura borboletas recortadas em papel colorido: branco, azul, amarelo e preto. Como na aula do “Bom dia todas as cores” quando as crianças sugeriram que fossemos camaleões pelo gramado da escola, Eu pedi para fecharem os olhos e que imaginassem as borboletas voando, qual a sensação eles teriam e por quais locais eles percorreram e pousariam na escola, a proposta seguinte foi produzir o personagem principal, uma borboleta, deixei: folhas A4, riscadores e tesouras para que eles pudessem recortar e decorar, ali fizeram borboletas de muitos formatos e tamanhos, depois fomos fazer elas voarem pelos espaços da escola.



Imagens 37 38 39 e 40 : Crianças com recortes de borboleta”. Fotografia de Sara Rangel.
Arquivo pessoal

O papel de recorte que “sobrou” usamos para falar das texturas que podemos encontrar tanto visuais como as táteis e que nas obras as texturas também são um importante elemento, andamos pelos jardins da escola investigando os tipos que encontrávamos pelo caminho, as crianças relacionaram o que foi conversado sobre as texturas nessa aula com a leitura do livro bom dia todas as cores de dias anteriores.



Imagens 41 42 43 e 44: Crianças interagindo com os espaços da escola observando as texturas através de recortes de papel. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal

Ao retornarmos para a sala percebi que nessa atividade as crianças já se expressavam mais livremente e sem tanta “necessidade” de copiar o ilustrador, afinal a mediação foi feita com um poema e eles tiveram o desafio de imaginar como seria essa borboleta, os recortes que apresentei foram somente com as cores sem detalhes.

Com as turmas do ensino fundamental 1, principalmente as do primeiro ano, sinto que preciso ser o mais lúdica possível para que um conteúdo seja significativo para eles, então além do caderno, proponho atividades que possam ser realizadas no coletivo como uma obra de toda a sala.

Para a aula com de formas geométricas trouxe além de artistas como Yayoi Kusama³ (1929), uma história já conhecida por eles porém em outra versão.

Livro “Os três porquinhos” autora e ilustradora Bia Villela



Imagem 45: Capa do livro Os três porquinhos na estante de livros. Fotografia de Sara Rangel.
Arquivo pessoal

Todos os alunos já conheciam o clássico, mas quando apresentei a versão publicada pela editora Paulinas, com autoria de Bia Villela de uma forma “revisitada” eles adoraram. A proposta foi que eles identificassem as formas no conto já conhecido, mas também que eles fizessem os seus próprios porquinhos, só que com um detalhe diferente, mudando o final, depois teriam que apresentar sua versão para um colega que estivesse longe do lugar que ele estava sentado na sala, observei que o maior desafio enfrentado fora a autonomia em usar a tesoura, alguns educadores ainda têm receio de deixar esse objeto disponível e acabam cortando por eles, tirando o protagonismo das crianças, alguns tiveram medo demoraram um pouco no recorte, mas conseguiram realizar a tarefa, um dos relatos foi “prô meu

³ **Yayoi Kusama** é uma artista japonesa que se autodenomina uma “artista obsessiva”, conhecida por seu uso extensivo de bolinhas e por suas instalações do infinito. Ela utiliza pintura, escultura, performance e instalações em uma variedade de estilos, incluindo a pop art e o minimalismo.

porquinho saiu do livro” então vi que trazer os personagens pro físico foi muito significativo.



Imagens 46 e 47: Cadernos de artistas com as produções de recortes dos personagens porquinhos das formas geométricas. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal.

No 4º bimestre o último do ano letivo o currículo educacional da cidade de São José dos Campos baseado na BNCC (Base Nacional Comum Curricular) e no Currículo Paulista, nos traz como campo conceitual a ser estudado o Patrimônio Cultural, em uma das suas habilidades propõem que as crianças devem: “Conhecer e explorar brinquedos, brincadeiras e jogos, de diferentes matrizes estéticas e

culturais.” “Conhecer artistas e artesãos de diferentes categorias das artes visuais (em especial o acervo histórico e produção na região do Vale do Paraíba).”

Para isso, apresentei a elas Lumina Pirilampus⁴, fiz a leitura de imagem com algumas obras que conheci através da orientadora pedagógica Andreia Almeida Fernandes, demonstrando assim uma artista que é da cidade em que residem, lembrei e comentei com os pequenos, que quando eu era do tamanho deles e estava na escola, também conheci um artista da minha região e que foi através do livro Charalina.

Livro: “Minha vó ia ao cinema” escritora Paula Marconi de Lima e ilustradora Lumina Pirilampus.



Imagem 48: Capa do livro Minha vó ia ao cinema na estante de livros. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal

Para minha alegria o livro, da editora Companhia das Letrinhas (2023) faz referência a uma tecelagem e a feliz coincidência é que o prédio da escola em que eu lecionava, era pertencente a uma antiga fábrica de cobertores, a tecelagem Parahyba.

⁴ Lumina Pirilampus é artista visual, ilustradora e também é arte-educadora. Gosta de criar diálogos entre espaços, pessoas e universos extraordinários, nasceu no Vale do Paraíba, interior de São Paulo.

Assim como na história, a personagem principal trabalha em uma fábrica de tecidos. E ao fazer a leitura, a identificação dos alunos foi imediata pelo contexto que se passa também numa cidade do interior, com uma fábrica ao redor.

A partir disso trouxe para apreciação a referência da artista que utilizou de, Tarsila do Amaral⁵ na obra “Operários” (1933) como inspiração para uma das páginas onde os trabalhadores são retratados no livro, também além de mostrar como eram feitos os filmes antigamente, assistimos trechos dos filmes feitos por Amâncio Mazzaropi⁶ que é da cidade de Taubaté próxima e pertencente ao Vale do Paraíba.

Com a leitura de imagens e palavras feita, os alunos observaram que no final da história, já nas últimas páginas, aparecem diversos pássaros, a partir daí convidei as crianças a produzirem um brinquedo Balangandã com papel crepom colorido, cada um pode escolher suas cores, montamos uma para cada criança e “fomos voar” e ser pássaro pela escola, ocupar os ambientes e ser livres pelos lugares que nos pertencem.

Essa sequência de atividades utilizando o livro como suporte foi muito rica, até hoje quando encontro as crianças elas comentam o quanto gostavam de sair da sala e explorar os ambientes da escola, ao final do ano vejo o quanto elas são protagonistas da sua própria história e o quanto foram se desenvolvendo com o passar do tempo.

O trecho da crônica de Rubem Alves fez tanto sentido depois desse momento, enquanto eu via as crianças correndo livres e “voando” lembrava: “Há escolas que são gaiolas. Há escolas que são asas”. Escolas que são gaiolas existem para que os pássaros desaprendam a arte do voo. Pássaros engaiolados são pássaros sob controle. Engaiolados, seu dono pode levá-las para onde quiser. Pássaros engaiolados sempre têm um dono. Deixaram de ser pássaros. Porque a essência dos pássaros é o voo.”

⁵ Considerada uma das principais pintoras da primeira fase do modernismo, Tarsila do Amaral foi não apenas uma grande artista, como também um dos maiores nomes da história da arte brasileira. Com uma forma única de retratar o nosso país, ela conquistou todo o mundo.

⁶ Amácio Mazzaropi foi um ator, humorista, cantor, produtor, roteirista e cineasta brasileiro. Um dos nomes mais conhecidos do cinema nacional, ficou marcado pelos papéis de “Jeca” ou “Caipira”, tendo produzido, escrito, dirigido e estrelado trinta e duas produções entre 1952 a 1980.



Imagens 49 50 51 e 52: Crianças brincando de ser pássaro, com Balangandã, em ambiente aberto da escola. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal

O caderno de artes x o caderno de artista:

Durante meus anos de docência sempre me incomodou o fato dos alunos usarem um caderno de desenho como único espaço para produzir em aula, também o fato de sempre realizar as propostas dentro de sala, todas enfileirados um atrás do outro, no máximo em duplas e cada um com seu material, entendo que no contexto de pandemia isso tenha se tornado vital, porém acredito que quando os materiais são do coletivo, o todo se faz responsável por eles, portanto sempre levo para os espaços sejam eles dentro ou fora da sala, ferramentas que todos possam utilizar.

Confesso que na escola pública muitas crianças não têm acesso a alguns itens básicos por isso nas prefeituras que trabalhei eram disponibilizados um kit de materiais para que as crianças utilizassem durante todo o ano letivo, nem sempre são de boa qualidade o que tornam o uso cotidiano desastroso, muitas vezes eu mesma adquiri e fui providenciando um acervo desses utensílios: tesouras, massinhas, giz de cera, papéis coloridos, cd's, rolos de linhas, materiais reciclados diversos e entre tantos outros que pudessem auxiliar nesse fazer artístico.

Mas como dito, uma das coisas que mais me incomodava era o uso do “caderno de arte” como único lugar de registro das propostas, comecei as aulas com a frase do artista espanhol Pablo Picasso⁷ “Toda criança é um artista”, o caderno passou a ser “caderno de artista” onde as crianças pudessem se expressar, mas também fazer os registros das aulas.

Todos os dias fazemos a pauta, para os alunos menores e ainda em processo de alfabetização inicial faço impressa, para os maiores escrevo na lousa, com a data e o que iremos desenvolver na aula, como um roteiro, o combinado é que eles colem e/ou escrevam no caderno, mas a organização fica a critério individual, podendo ser por dia de aula ou um espaço só para pauta, geralmente ela é simples e adoram decorar em volta.

Depois disso fazemos a atividade do dia, e utilizam o espaço para registrar como foi a aula para eles, a maioria que ainda não escreve utiliza desenho, muitos deles emojis para exemplificar seu sentimento, outros descrevem um pedaço do processo. Fazem uma pequena ilustração da história que lemos, colocam recados pra mim.

⁷ Pablo Ruiz Picasso foi um pintor, escultor, ceramista, cenógrafo, poeta e dramaturgo espanhol, considerado um dos principais artistas do século XX.

O caderno tem se tornado um aliado ao fazer artístico e não um lugar que limita suas expressões, muitos usam também como escape para suas produções fora do contexto da sala, no começo das aulas sempre deixo um momento para que apresente suas obras realizadas durante a semana, nesse instante eles são artistas, e assim a aula flui com muito mais facilidade, a afirmação “eu não sei desenhar” dificilmente surge nessas propostas pois as crianças já fazem a leitura e a contextualização com as imagens apresentadas no livro, quando vão realizar o registro no caderno de artista se sentem empoderadas, quando fazemos a leitura de imagem, proposta por Ana Mae Barbosa na Abordagem Triangular do ensino da arte, elas já fizeram o “ler e o fazer” com a bagagem proporcionada pelo livro, então o contextualizar esse movimento fica muito mais potente.

Mas essa minha inquietação em relação ao caderno, só surgiu depois de um tempo na docência, no começo tentava me encaixar num padrão e não entendia porque nem eu, e nem as crianças conseguiam se expressar no fazer artístico, ao decorrer dos anos e turmas fui adaptando essa ideia, e começamos a utilizar o caderno enviado no material anual com mais autonomia, e confesso que hoje me sinto muito mais professora artista com essa liberdade que dou aos alunos.

O livro presente

Receber um livro ilustrado, feito por alunos do segundo ano do ensino fundamental foi uma surpresa emocionante. Ao ver aquele exemplar, elaborado por aquelas mãozinhas, pude refletir sobre o impacto das leituras de imagens realizadas ao longo do ano, a história criada por eles lembra os quadrinhos, feitas com traços simples de lápis de cor e caneta esferográfica preta, demonstrando ali o esforço e carinho dedicados em cada página.

Foi a partir das leituras dos livros ilustrados, das mediações de imagens e da liberdade em usar o caderno de artista como lugar para que as ideias pudessem florescer, que os alunos conseguiram realizar essa produção.

Esse gesto reforçou a minha convicção sobre a importância de se integrar a leitura de imagens de obras de arte e também a mediação de livros ilustrados durante as aulas de arte, pois além de desenvolver a imaginação e as habilidades artísticas de cada um, proporcionou momentos agradáveis de expressão de ideias e emoções.

O livro que recebi não é só um objeto material, mas também é a lembrança tangível do impacto positivo que eu como educadora posso deixar na vida dos meus alunos, sempre incentivando suas potencialidades, afinal ele foi confeccionado com as páginas do caderno de artista, as rebarbas da folha ainda presentes ao lado das ilustrações só reforçam o quanto foi significativo esse fazer.



Imagem 53: Capa do livro O Pudim e a Lenda o Jogador Misterioso na estante de livros.

Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal.

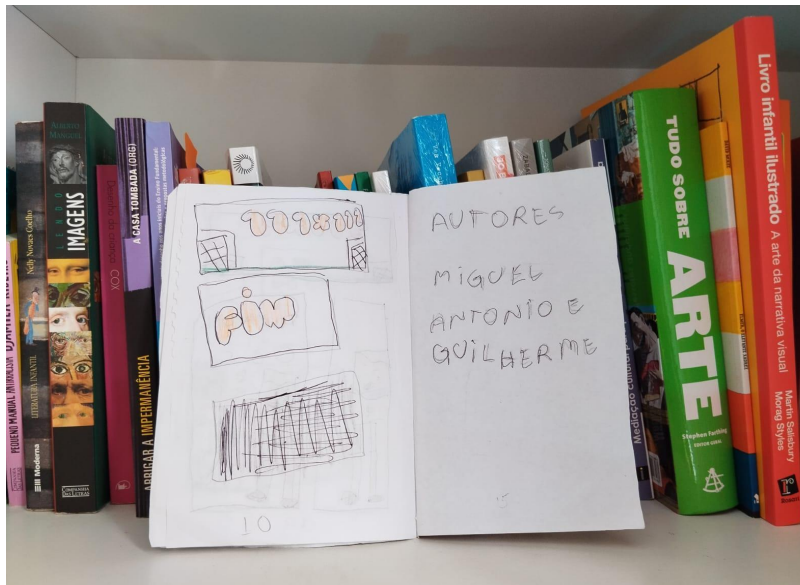


Imagem 54: Última página e assinatura dos autores do livro O Pudim e a Lenda o Jogador Misterioso na estante de livros. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal.

Querido leitor você pode acessar esse livro presente em detalhes através do QR-CODE à seguir:



O meu papel como educadora, mediadora de imagens.

Usar livros paradidáticos na escola não é algo diferente, mas dentro das aulas de arte acredito que seja algo a princípio um pouco “questionável”, principalmente do âmbito das outras pessoas da escola, vejo um olhar às vezes limitante aos livros sendo usados somente em momentos de atividades direcionadas nas aulas de leitura e alfabetização.

Quando a escola tem espaço de sala de leitura, que é o caso de muitas aqui no município de São José dos Campos, esse objeto fica até mais nichado a esse professor e a essa sala, na minha opinião o livro deve estar em todos os ambientes da escola, em diversos lugares assim como as crianças, e ocupando as aulas de todas as matérias, por isso trago como objeto do cotidiano das aulas de arte, para que os apreciem também como obras de arte, assim como apresento pinturas, esculturas performances, espaços expositivos etc.

As mediações de imagens feitas com livros infantis são tão potentes quanto as feitas com outras obras, quando uma criança acessa uma ilustração consigo perceber o quanto ela se aproxima mais da arte propriamente dita.

De acordo com Feltre, Camila (2015): “Assim como a artista e ilustradora Kveta Pacovska, diz que o livro ilustrado poderia ser a primeira galeria de arte que as crianças visitam: “Tento fazer os livros como objetos de arte em papel, como pequenos museus para a palavra e as imagens. Sempre procuro fazer meu trabalho em direção a um objeto de arte” (PACOVSKA apud SOBRINO, 2013)

Antes mesmo de admirar grandes artistas uma criança já manuseou um livro, folheou e observou suas ilustrações, já leu e releu uma história e antes mesmo de saber o código escrito reconta essa através dos desenhos vistos.

Trazer um livro com ilustrações para as aulas de arte é dar importância e valorizá-lo como objeto a ser estudado, de forma natural e não algo somente para “formar” um leitor, acredito numa educação que veja e escute as crianças, e os livros nos ajudam nessa ponte.

Mas ainda há um grande desafio como professora, não colocar a minha interpretação sob uma imagem apresentada, para não limitar o que irá nascer sob o olhar das crianças, o que acontece em uma mediação de imagem é sempre uma caixinha de surpresas, quantas vezes imagino um percurso perco o controle e sai

totalmente fora da curva do que havia planejado, cabe a mim trazer o barco de volta pro rumo ou deixá-lo navegar com as ondas,

Muitas vezes quando se trata de algo subjetivo quando alguma criança percebe logo conta para todos, a exemplo de quando li o livro “A visita” do autor e ilustrador: Antje Damm, editora companhia das letrinhas (2018), um dos meus alunos disse: “No fim ela morre né?”, não é explícita essa informação no texto, mas na leitura de imagem feita por ele, a personagem Elisa sobe as escadas e não aparece novamente.



Imagem 55: Capa do livro A visita na estante de livros. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal.

Eles fazem uma leitura genuína sem o medo que o adulto irá achar, em nenhum momento eu dei a entender que a personagem morre, mas ele com sua interpretação das imagens observou isso.

Vir participar da pós - graduação lato sensu – O livro para a infância: processos contemporâneos de criação, circulação e mediação, foi também me encontrar no lugar de professora pesquisadora, encontrar pessoas que estão ali estudando sob um tema o qual eu gosto, me fez sentir viva, trazer o tema de livro ilustrado para as aulas de arte também é algo que rompe a regra, assim como

Marcel Duchamp⁸ quebra ao trazer a “Fonte” (1917) numa exposição, surpreender trazendo os livros como objeto de arte nas aulas tem sido o meu ready-made como professora e pesquisadora.

Foi assim como meus alunos criando asas e descobrindo como posso fazer melhor as mediações, conheci autores, ilustradores, bibliotecários, gente de todo o tipo, gente que ama o livro.

Em uma das aulas de quinta à noite após a leitura do texto “O rinoceronte na sala de aula ou a transgressão da linguagem literária”, de Marcela Carranza, comecei a me questionar como professora e percebi que em muitos momentos tenho sido esse rinoceronte na escola, onde só o simples fato de andar com as crianças pelo espaço já é algo que “dói”, o ambiente estudantil ainda apesar de estar no século 21 segue moldes arcaicos onde todos seguem regras ocupam lugares que os são destinados, mas a arte está aí para isso, para questionar, saímos do nosso lugar de conforto, usar os espaços potentes além do ambiente de sala de aula, é ser um rinoceronte no meio da escola.

“Um rinoceronte na sala de aula, na escola, ali, paradinho, mostrando toda a sua majestosa monstruosidade. Enorme, fora de lugar, desconjuntado e inocente, provocativo, estranho, enigmático, intimidador, sem explicação. Um rinoceronte no meio da classe, onde não deveria estar. (...) o rinoceronte é inquietante, porque abre um buraco na previsível realidade escolar. O monstruoso, o anormal, ali no meio, como todo monstro, vem questionar - e nos questionar - sobre a normalidade, o arraigado, o conhecido, o seguro: e, portanto, resulta inquietante.” (CARRANZA, 2018 p.3)

Ainda existem muitas lacunas que posso explorar com meus alunos, como por exemplo, o livro de artista, revisitando as fotos dessas mediações vou pensando em outras mil e uma obras literárias, que faltou bibliodiversidade e que eu poderia apresentar outras escolhas junto ou no lugar das que estavam ali.

Antes eu achava que a boa contadora de história, precisava de roupas coloridas, acessórios, apetrechos, saber detalhes de tudo que eu envolvia aquele livro para chamar a atenção dos espectadores e quis imitar, com o tempo identifiquei que essa não era a minha linguagem na mediação, e que por mais que existam artistas maravilhosos que utilizam dessa técnica, no meu contexto ela estava mais afetando do que auxiliando, principalmente no pós história, com o tempo fui abandonando essa prática e me aproximando mais da mediação e do objeto livro,

⁸ Marcel Duchamp foi um pintor, escultor e poeta francês, um dos principais artistas do dadaísmo europeu, e inventor dos ready-made.

entendi o que não funcionava nas aulas, e no cotidiano da escola, que pontualmente posso usar desse recurso mas que no dia a dia a mediação do livro seria o meu foco.

Essa mudança se deu principalmente após a aula de Letícia Lisenfeld, me aproximei o objeto livro, trouxe ele como o maior comunicador, além do meu corpo, interagindo com o espaço, as crianças, sem esquecer do afeto, convidando aquele que observa a mediação para que também se inclua na atmosfera apresentada no livro, potencializando esses encontros.

Atualmente me vejo como uma mediadora de imagens e de livros, alguém que conta histórias com obras de arte, mas também com livros ilustrados e estas são ferramentas para que as experiências estéticas dos alunos aconteçam de forma rica e proveitosa, dentro ou fora do contexto de sala de aula.

Professora passarinha: Um voo de retomada ao ninho.

Este capítulo surgiu após a apresentação deste trabalho a minha orientadora Cristiane Rogerio e as professoras leitoras Ananda Luz e Camila Feltre, conforme fui ouvindo as falas delas, acrescento aqui novos galinhos no meu ninho.

Primeiro deixo aqui um QR-CODE para acesso à apresentação de slides que criei para conversar com essa escrita, através das imagens ali escolhidas com tanto carinho, talvez você leitor possa sentir um pouco como os livros participaram da minha trajetória pessoal e profissional, e como funciona um momento de mediação e produção na aula de arte da professora Sara.



O termo professora passarinha foi dado pela professora doutora Camila Feltre, me senti muito representada por esse adjetivo pois vivo voando com as crianças pelos espaços da escola, e a arte é um céu de possibilidades, os momentos descritos aqui neste trabalho são vivências possíveis e potentes realizadas em escolas públicas do estado de São Paulo, com crianças do ensino fundamental 1 do 1º ao 5º ano na idade de 6 a 11 anos.

Observando as fotos que ilustram a minha escrita, Camila Feltre disse que o olhar sobre elas começava comigo em primeiro plano e depois passou para as crianças,

“Observei como as suas fotos mudaram, acho que elas revelam muito desse seu olhar, para o seu fazer. Então, as primeiras fotos mostram muito centradas na figura sua da contadora de história, da mediadora ali, e aí as coisas começam a mudar, essa foto mais pra produção artística, pro espaço da escola, pras crianças em movimento, pra festa, acho que a gente acompanha a sua transformação sua formação né, também pelas fotos que revelam seu olhar.” Fala da professora Camila Feltre, sobre trecho a partir do minuto 44 apresentação deste trabalho.

Essa construção se deu pois com o passar do tempo trouxe para a dinâmica da aula um aluno fotógrafo. Então a depender da organização da proposta, deixo meu celular com um ou dois alunos escolhidos e estes vão fazendo os registros da turma, optei por fazer assim por dois motivos, um: o tempo de hora aula muitas vezes é pouco para que o professor consiga dar conta de todas as demandas, e dois: o olhar das crianças sobre o que elas mesmo estão produzindo é totalmente diferente do meu, através das fotografias consigo identificar o que foi mais significativo, e como diferentes crianças realizam na mesma proposta imagens totalmente opostas.

Perguntei para meus alunos como é ser responsável por tirar as fotos da nossa aula: “Foi divertido, acho que a Pietra tirou mais fotos que eu, foi importante, eu quero ser fotógrafo mais vezes” Davi, 8 anos.

Os espaços das escolas em que trabalhei são totalmente diferentes uns dos outros, uns mais precários, outros mais arborizados com áreas verdes e gramados, algumas todas cimentadas e apertadas, as mediações feitas nesses lugares são influenciadas por eles.

As leituras realizadas com o livro “Com que roupa irei para a festa do rei?”, autoria de Tino Freitas e ilustrações de Ionit Zilberman foi realizada num contexto de volta às aulas ainda em pandemia, podemos ver nas fotos que eu e as crianças estávamos usando máscaras.

Entendo agora tempos depois que a necessidade de realizar uma festa foi para eles motivo de reunião, acolhimento, pertencimento, diversão no coletivo, algo que é tão necessário na infância mas que dentro de um contexto pandêmico não era possível, mas que na escola conseguimos realizar, mesmo dentro dos protocolos, mesmo com as regras, seguimos com as orientações passadas pela secretaria de educação, utilizamos a sala oval que é um ambiente maior para as propostas, lembro que a leitura inicial foi realizada ainda com a turma dividida (as crianças vinham para a escola em dias alternados para diminuir o contato) e depois com as liberações, a última proposta que foi a festa, já estávamos com todos da turma reunidos em um só dia.

As mediações feitas com os livros: “Bom dia todas as cores” da autora Ruth Rocha” e “Minha vó ia ao cinema” da escritora Paula Marconi de Lima, e do poema

“As borboletas” de Vinícius de Moraes. foram feitas numa unidade escolar que fica dentro de um parque, por isso os espaços verdes da escola foram tão explorados.

Quando estávamos com os elementos vazados procurando por texturas, era uma época em que haviam muitas folhas caídas e organizadas em pilhas então o primeiro olhar foi para baixo como uma lagarta que vai rastejando, mas com o andar e o explorar, eles foram subindo, olhando os troncos e galhos, de repente as copas das árvores e o céu se tornaram também elementos nas nossas produções.

Ao ler o clássico de Ruth Rocha, eu não imaginava que além de falar sobre os elementos da linguagem visual, ponto, linha, forma, textura, o espaço de leitura iria ser tão potente que não poderíamos deixar de nos tornar verdadeiros camaleões em meio aquela natureza.

Mas sem dúvida a minha grata surpresa quando mediei o livro “Minha vó ia ao cinema”, vi nos olhos das crianças o brilho ao descobrir que a ilustradora morava na mesma cidade em que eles residiam, essa escola além de estar dentro de um parque que ocupa uma área de cerca de um milhão de metros quadrados, faz parte de uma antiga Fazenda da Tecelagem Parahyba. As crianças a partir dali tinham a certeza que a personagem principal estava indo para os ambientes que elas já reconheciam do parque, mas a ilustração de fechamento do livro com pássaros foi o “start” para a proposta com o papel crepom.

Sempre ouvia das crianças que pediam por aulas fora da sala de aula, fui observando e entendendo que a antiga escola de educação infantil em que eles estudavam ainda dava para ver dos portões da escola atual, o brincar muitas vezes tinha ficado além dos muros, e agora as provas, as metas, eram a única coisa que eles “tinham” que fazer, então estar de corpo presente ocupando esses lugares fora da caixa quadrada, da lousa e carteiras era libertador como os pássaros ilustrados por Lumina. Quando vejo a foto do Pedro mesmo na cadeira de rodas partilhando desse momento com os colegas vejo todo o voo desses pequenos passarinhos.

Antes de finalizar minha apresentação comentei com as professoras que estava conversando com minha mãe e que ela me lembrou de um encontro que tive com o autor do livro Charalina, nesta oportunidade o que fiz foi conversar, agradecer e dar um grande abraço em Nelson Albissú, mas esqueci de fazer um registro fotográfico, então Ananda sugeriu que eu fizesse essa representação, de uma forma simbólica coloquei a Sara criança na época da festa do livro, observando pela janela

o querido autor, em frente pilhas de livros e uma bela chaleira, imagem para gravar no coração e na memória que depois de mais ou menos 25 anos.



Imagem 56: Colagem de fotos de Sara e Nelson em homenagem ao encontro com o autor.
Feito por Sara Rangel. Arquivo pessoal.

O tempo desse trabalho não foi cronológico, começa com a Sara criança alcança a Sara adulta, mas elas se coabitam, quando estava finalizando a apresentação dos slides lembrei do texto o método desviante de Jeanne Marie Gagnebin apresentado na pós, destaco aqui um trecho diz: “Não esquecer que o tempo é múltiplo: não é somente “chronos” (...), mas também “aion” (...) e, sobretudo “kairós” tempo oportuno, da ocasião que se pega ou se deixa, do não previsto e do decisivo.”

Esse registro, essa apresentação, estar grávida durante o curso, meu filho nascer poucos dias após a entrega desse primeiro texto, e vir antes do previsto (nascendo de 32 semanas), só me fortaleceu como professora, pesquisadora e agora mãe, tudo aconteceu em tempo oportuno.

Conclusão

Vejo que a bagagem que carrego das experiências observando minha mãe como professora me trouxeram para lugares que hoje caminho, percorri por um tempo até mesmo as escolas que ela lecionou, me encontrei como professora, como artista e me descobri pesquisadora, e agora o desafio maior de ser mãe, e poder levar ao meu filho também por um caminho onde os livros as ilustrações e a arte estará sempre permeando, logo ele estará aqui nos meus braços para que também possa mediar livros junto dele, afinal assim como minha história está ligada a minha mãe, a dele estará ligada a minha, é um “bololô” como brincávamos na turma 9 com a palavra da minha querida “des”orientadora Cristiane Rogerio.

“Eu nem sabia. Mas escrever sobre si é como abrir uma caixa de costura herdada da mãe: um emaranhado de linhas e histórias que não param de se embolar. Um carretel usado de tanta costura. Muitas linhas para puxar ainda”. (ROGERIO 2022, p.25)

Finalizar a pós com um bebê no meu ventre, é como se tudo fizesse sentido agora, tantas vezes a melhor turma 9 foi ninho, lugar de cuidado, afeto, partilha, carinho que agora eu sou o ninho do Arthur, onde ele com certeza poderá encontrar afago sempre que necessário.

Me descobrir como professora pesquisadora durante esse percurso foi também criar potência nos meus alunos, sempre motivada nas aulas de quinta voltava pra sala de aula como um renovo, sempre querendo mais dos meus pequenos, sempre dialogando com as crianças, percebendo seus saberes suas ideias, e juntos construindo um percurso brilhante durante o ano letivo, observo minha trajetória durante a escrita de si nesse trabalho de conclusão de curso e vejo o quanto cresci e amadureci nesses anos, como pessoa, artista e principalmente como professora.

Hoje vejo o quanto foi importante na minha infância eu ser apresentada a livros diversos, e que eles trouxeram uma conexão entre a arte durante as aulas que foi essencial para que as crianças pudessem produzir livres.

Ao revisitar minhas memórias de mediação nas aulas pude perceber o quanto os livros e a arte seguem andando juntos, e que são objetos de estudos potentes para as crianças, e que esses podem ser lidos também como obras de arte, ou também usando como um elo entre os conteúdos bimestrais, foram a partir das

leituras feitas que as crianças produziram, expressaram seus sentimentos e principalmente construíram um repertório de imagens.

Finalizo esta pesquisa com a mediação do livro “Dia de Lua” do autor e ilustrador Renato Moriconi, considero está a mais bonita que eu já fiz até hoje, conheci essa publicação durante as aulas da pós-graduação, e terminando a escrita deste trabalho foi premiado com o Bologna Ragazzi Awards – Toddlers 2024, não vejo a hora do Arthur chegar e poder mostrar para ele o encantado mundo das ilustrações.



Imagens 57: Leitura do livro “Dia de Lua” Renato Moriconi para Arthur, meu filho ainda na barriga. Fotografia de Sara Rangel. Arquivo pessoal.

Referências

- ALBISSÚ, Nelson. Charalina/ Nelson Albissú: ilustrador Osvaldo Sequetin – São Paulo: Paulinas, 1989 – (Coleção Fazendo História)
- ALVES, Rubem. Crônica " Gaiolas e asas". Opinião/ Folha de S. Paulo 5 de dezembro de 2001
- BARBOSA, Ana Mae. Tópicos Utópicos. Belo Horizonte C/Arte, 1998 p.35
- BUARQUE, Chico, 1944 – Chapeuzinho Amarelo/ Chico Buarque; ilustrações Ziraldo – 27ª edição – Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.
- CARRANZA, Marcela. O rinoceronte na sala de aula ou a transgressão da linguagem literária. In: Caderno Emília 2, São Paulo, 2018
- CARVALHO, Cristiane Rogerio, 1974-. O livro para a infância: coletivos e potência para a pesquisa / Cristiane Rogerio Carvalho. - São Paulo, 2022
- DAMM, Antje. A visita / Antje Damm; ilustrações de Antje Damm: tradução de Sofia Mariutti. – 1ª edição – São Paulo: Claro Enigma, 2018.
- FELTRE, Camila, 1988 Experiências com livros que exploram a sua materialidade: mediações e leituras possíveis / Camila Feltre. - São Paulo, 2015.
- FREITAS, Tino. Com que roupa irei para a festa do rei? / Tino Freitas; ilustração Ionit Ziberman. – 1. Ed – São Paulo: Editora do Brasil, 2017.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. O método desviante. Algumas teses impertinentes sobre o que não fazer num curso de Filosofia. Revista Trópico: ideias de norte a sul, São Paulo.

LIMA, Paula Marconi de. Minha vó ia ao cinema/ Paula Marconi de Lima; Ilustração de Lumina Pirilampus. – 1º ed. – São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2023.

LINDEN, Sophie Van der. Para ler o livro ilustrado: Sophie Van der Liden. Título original: Lire l'album. Tradução: Dorothee de Bruchard. São Paulo: Sesi –SP editora, 2018.

MORICONI, Renato. Dia de Lua/ texto e ilustração Renato Moriconi. – 1ed. – São Paulo : Jujuba 2023.

ROCHA, Ruth. Bom dia todas as cores / Ruth Rocha: ilustrações Alberto Llinares. 3º edição – São Paulo: Quinteto Editorial, 1998 (Coleção Hora dos Sonhos)

ROCHA, Ruth. Bom dia todas as cores! / Ruth Rocha: ilustrações Madalena Elek. – 1º edição – São Paulo: Richmond Educação, 2018.

ROGERIO CARVALHO, Cristiane Rogerio. O livro para a infância: coletivos e potência para a pesquisa. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, 2022.

THOMÉ, Débora. 50 brasileiras incríveis para conhecer antes de crescer / Débora Thomé = 1º edição – Rio de Janeiro: Galera, 2017 – Editora Record LTDA.

VILELLA, Bia. Os três porquinhos / Bia Villela - 4º edição – São Paulo: Editora Paulinas, 2019.